

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

MARISLAINE NOVAIS DE ASSIS

***Novas Cartas Portuguesas* de Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa, em contraponto a *Cartas Portuguesas*, de Mariana Alcoforado: uma reflexão sobre a condição da mulher portuguesa**

**Bagé
2021**

MARISLAINE NOVAIS DE ASSIS

***Novas Cartas Portuguesas* de Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa, em contraponto a *Cartas Portuguesas*, de Mariana Alcoforado: uma reflexão sobre a condição da mulher portuguesa**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras – Português e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciada em Letras.

Orientador: Prof.^a Dr.^a Miriam Denise Kelm.

Bagé

2021

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)
através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais).

dM342 Assis, Marislaine Novais de

Novas Cartas Portuguesas de Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa, em contraponto a *Cartas Portuguesas*, de Mariana Alcoforado: uma reflexão sobre a condição da mulher portuguesa / Marislaine Novais de Assis. 29 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -- Universidade Federal do Pampa, LETRAS - PORTUGUÊS E LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA, 2021.

"Orientação: Miriam Denise Kelm".

1. *Novas Cartas Portuguesas*. *Cartas Portuguesas*. 2. Intertextualidade. Feminismo. I. Título.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

Universidade Federal do Pampa

MARISLAINE NOVAIS DE ASSIS

NOVAS CARTAS PORTUGUESAS, DE MARIA ISABEL BARRENO, MARIA TERESA HORTA E MARIA VELHO DA COSTA, EM CONTRAPONTO A CARTAS PORTUGUESAS, DE MARIANA ALCOFORADO: UMA REFLEXÃO SOBRE A CONDIÇÃO DA MULHER PORTUGUESA

Trabalho de Conclusão de curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras - Português e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Letras.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 28 de abril de 2021.

Banca examinadora:

Profa. Dra. Miriam Denise Kelm

Orientadora

Profa. Dra. Lúcia Maria Britto Corrêa

(UNIPAMPA)

Profa. Zila Letícia Goulart Pereira Rego

(UNIPAMPA)



Assinado eletronicamente por **MIRIAM DENISE KELM, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 03/05/2021, às 09:45, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **LUCIA MARIA BRITTO CORREA, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 04/05/2021, às 11:43, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **ZILA LETICIA GOULART PEREIRA REGO, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 11/05/2021, às 15:26, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site

[https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?](https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0)

[acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0](https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código

verificador

0515390 e o código CRC **0B92597A**.

Referência: Processo nº 23100.007127/2021-60 SEI nº 0515390

Dedico este trabalho a todos que de alguma forma contribuíram para que este objetivo fosse alcançado.

AGRADECIMENTO

Primeiramente agradeço a Deus, que me permitiu concluir este trabalho. Sem Ele, nada seria possível. À Miriam Denise Kelm, orientadora desse trabalho, pelo empenho, dedicação e compreensão em todos os momentos difíceis pelos quais passei durante esta jornada. Aos colegas, pela amizade e companheirismo. A todos os professores da UNIPAMPA, pelos ensinamentos. Aos familiares, pelo apoio, carinho e incentivo. E a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigada.

“Escrevo para desassossegá-los meus leitores”.

José Saramago

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo fazer uma reflexão sobre a mulher portuguesa através das obras *Novas Cartas Portuguesas* de Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa, publicada no ano de 1972, em contraponto a *Cartas Portuguesas*, de Mariana Alcoforado, publicada em 1669. Este estudo traz a contextualização histórico-social de ambas as obras, fazendo um resgate da luta das mulheres portuguesas no período final da ditadura salazarista. Na análise das obras literárias citadas, recuperam-se situações vividas por mulheres que lutaram por direitos que são desfrutados hoje. Na primeira obra mencionada, as escritoras mostram a indignação pela realidade vivenciada por mulheres portuguesas e buscam melhorias para tais desigualdades. A segunda obra trata de um amor exacerbado, onde, no decorrer da escrita, percebe-se um sofrimento amoroso vivido por uma freira de nome “Mariana”, no século XVII. O estudo realizado aponta para a intertextualidade entre ambas as obras e contempla aspectos das lutas feministas, bem como sua importância constante na vida das mulheres que buscam liberdade de expressão e direitos iguais. *Novas Cartas Portuguesas* se apresenta como uma grande obra literária, pois o texto foi de suma importância na década de 1970, o que possibilitou algumas conquistas às mulheres portuguesas, em especial. Alguns autores que sustentam esta pesquisa são: Lúcia Tavares Amâncio, Maria de Lourdes Pintassilgo e Rita T. Schmidt.

Palavras-Chave: *Novas Cartas Portuguesas*. *Cartas Portuguesas*. Intertextualidade. Feminismo.

ABSTRACT

This paper aims to reflect on Portuguese women through the works *Novas Cartas Portuguesas* by Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta and Maria Velho da Costa, published in 1972, in contrast to *Portuguese Letters*, by Mariana Alcoforado, published in 1669. This study brings the historical and social contextualization of both works, making a rescue of the struggle of Portuguese women in the final period of the Salazar dictatorship. In the analysis of the literary works cited, situations experienced by women who fought for rights that are enjoyed today are recovered. In the first work mentioned, the writers show the indignation for the reality experienced by Portuguese women and seek improvements to such inequalities. The second work deals with an exacerbated love, where, in the course of writing, one perceives a loving suffering experienced by a nun named 'Mariana' in the 17th century. The study points to the intertextuality between both works and contemplates aspects of feminist struggles, as well as their constant importance in the lives of women who seek freedom of expression and equal rights. *New Portuguese Letters* is presented as a great literary work, because the text was of paramount importance in the 1970s, which enabled some achievements for Portuguese women, in particular. Some authors who support this research are: Ligia Tavares Amâncio, Maria de Lourdes Pintassilgo and Rita T. Schmidt.

Keywords: New Portuguese letters. Portuguese letters. Intertextuality. Feminist.

Sumário

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICO – SOCIAL DAS OBRAS	13
2.1 <i>Cartas Portuguesas</i> , de Mariana Alcoforado	15
2.2 <i>Novas Cartas Portuguesas</i> , de Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa.....	16
3 ANÁLISE DAS OBRAS: Intertextualidade e temática feminista - elos de encontro entre os textos.....	18
3.1 Intertextualidade: um recurso estrutural em <i>Novas Cartas Portuguesas</i>	18
4 REFLEXÕES SOBRE QUESTÕES RELACIONADAS À PERSPECTIVA FEMINISTA NAS OBRAS	20
4.1 Atualizações sobre o feminismo de ontem e de hoje	21
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
REFERÊNCIAS	26

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa que foi desenvolvida pelo projeto atual justifica-se através do contato inicial ao realizar um trabalho em 2018, no Componente Curricular de Literatura de Expressão Portuguesa I sobre a obra de Mariana Alcoforado *Cartas Portuguesas*, lançada no ano de (1669). Partindo de pesquisas para realizar o trabalho, encantei-me pelo livro *Novas Cartas Portuguesas* publicado três séculos depois, em 1972, em Portugal. A obra foi composta por três autoras: Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa.

No texto, elas assumem a voz de muitas outras mulheres portuguesas, principalmente as de seu tempo, segunda metade do século XX. Ela é constituída de depoimentos, declarações, cartas e circunstâncias de vivências femininas em luta constante pelos seus direitos e fazem várias denúncias não só contra o Estado, mas contra o sistema patriarcal.

Considero que seria uma ótima opção para meu TCC (Trabalho de Conclusão de Curso), pois o livro aborda muitos aspectos importantes voltados para os direitos das mulheres, e chama a atenção para os problemas enfrentados até os dias atuais. A obra mostra lutas diárias de várias mulheres para terem algumas conquistas após muita dor e sofrimento, em confronto com um governo opressor e patriarcalista da época.

Enfocamos a área dos estudos literários portugueses, passando pela História de Portugal e trouxemos a crítica feminista. O período de abrangência deste estudo começa no século XVII chegando ao século XX. Traremos em especial as décadas de 1960 e 1970, período de publicação da obra *Novas Cartas Portuguesas*, em que “as três Marias” tratam problemas sociais e culturais, decorrentes da estrutura patriarcal e salazarista, pois Portugal vinha sendo regido pelo Estado Novo, mediante o autoritarismo conduzido por Antônio de Oliveira Salazar, desde 1928. A ditadura salazarista durou 49 anos no total, atravessando o século XX.

A partir da análise das obras literárias citadas, com o projeto atual, fiz o resgate de algumas situações vividas por mulheres que lutaram por direitos que são desfrutados hoje. A sociedade precisa ter a ciência de que o pouco que foi conquistado para as mulheres, foi com base em muita luta há séculos atrás por outras mulheres; a sociedade sempre foi opressora e o machismo sempre sobressaiu, o sexo feminino sempre foi visto apenas como objeto sexual, exercendo os papéis de mãe, dona de casa e uma esposa obediente, com várias obrigações e praticamente nenhum direito. O conteúdo das *Novas Cartas Portuguesas* é explícito e sem rodeios, um verdadeiro grito de revolta que coloca o dedo na ferida, sem medo e com uma enorme coragem, ferida essa que é constituída pelos mais variados preconceitos e injustiças

intrínsecos à sociedade da época e que se vinham arrastando ao longo de séculos. As mulheres representadas nesta obra literária começaram uma grande luta para melhorar tais situações, venceram o preconceito e as dificuldades, ao menos em grande parte.

Buscaremos dar resposta às seguintes questões: como uma obra que já completa 50 anos consegue ser tão atual? O que “ as três Marias” tratam na obra que é pertinente aos dias de hoje? A luta das autoras teve uma grande repercussão e trouxe várias mudanças relacionadas aos direitos da mulher, mas isso não bastou para que a mulher exerça todos os seus direitos e ainda há muito a ser conquistado no meio português.

Neste primeiro capítulo faremos a contextualização histórico-social das obras, no segundo capítulo realizamos a análise das obras, enfocando o recurso da intertextualidade e a temática feminista, e no terceiro e último capítulo trataremos as considerações finais deste Trabalho de Conclusão de Curso.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICO – SOCIAL DAS OBRAS

Iniciado por Antônio de Oliveira Salazar, o salazarismo foi uma das mais longas ditaduras do século XX, durou 49 anos no total. Durante este período Portugal viveu na censura, repressão e sob o poder autoritarista salazarista, influenciado por ideais fascistas, o que caracteriza a maneira pela qual o Estado Novo português foi constituído, marcado pela intensa insatisfação popular e também pela censura, o que resultou, posteriormente, na Revolução dos Cravos em 25 de abril de 1974. O discurso de Salazar sempre se dava em função da preservação do estatuto materno e doméstico das mulheres, desmotivando o trabalho feminino fora do lar:

(...) o trabalho da mulher fora de casa desagrega este, separa os membros da família, torna-os um pouco estranhos uns aos outros. Desaparece a vida em comum, sofre a obra educativa das crianças, diminui o número destas; e com o mau ou impossível funcionamento da economia doméstica, no arranque da casa, no preparo da alimentação, no vestuário, verifica-se uma perda importante, raro materialmente recompensado pelo salário recebido. (Discursos de Salazar, Neves & Calado, 2001, *Discursos, I*, 1935: 308).

Dentro deste modelo de sociedade que reservava à mulher o espaço privado, da casa, o discurso religioso, no Estado Novo português, se consolidou como uma das bases ideológicas para dominação e submissão feminina, para a perseguição empreendida às mulheres que fugiam dos padrões estabelecidos: mãe, esposa, do lar e temente a Deus, conforme encontra-se em: (FOUCAULT, 2014, p. 31). Mediante problemas de saúde, Salazar foi substituído por Marcelo Caetano, em 1968, que preservou os padrões políticos, econômicos e sociais de seu antecessor, continuando a ser um governo que ignorava as lutas sociais a favor dos direitos civis e femininos.

As *Novas Cartas Portuguesas* publicada em 1972, serviram como instrumento de denúncia da condição de subalternidade e misoginia enfrentada pelas mulheres, expressão sexista e machista, fruto do contexto social e cultural. Mais do que isso: permitiram a ruptura de paradigmas que atribuíam à mulher uma categorização humana de inferioridade, trazendo para a literatura o forte engajamento feminista, político e social. Maria Teresa Horta, Maria Isabel Barreno e Maria Velho da Costa passaram a reconstruir, mesmo sob o regime caetanista e a censura da década de 70, em Portugal, novas representações sociais destinadas às mulheres, a partir da influência dos movimentos feministas e sociais, para possibilitar o

protagonismo da mulher na literatura e reafirmar a identidade feminina e também a subjetividade da mulher portuguesa.

Por retratar mulheres livres, que questionam a sua identidade e expressam o desejo de acessar novas ideias sociais, sexuais e religiosas, os textos foram considerados como “ímorais e pornográficos”, pois eles trazem um tom de revelação, com várias vozes narrativas, as mulheres começam a falar explicitamente sobre seu corpo, sobre os prazeres e sofrimento de sua relação carnal com os homens, com isso acabam chocando a sociedade portuguesa por conta dessas revelações. Essas mulheres afirmam que jamais serão caça, ou alvo, elas se voltam contra o modelo tradicional, opõem-se contra os discursos e modelos transmitidos pelo salazarismo que as colocam como o outro; são mulheres que reivindicam por uma nova identidade e um papel social, usando o corpo como um lugar de denúncia e resistência.

A alienação do corpo é a zona utilizada preferencialmente, embora exclusivamente, pelas autoras para dizer, a um tempo, a opressão e a revolta, a sujeição e a autonomia das mulheres. [...] a zona da opressão do corpo e de domínio privado. [...] O corpo, como lugar preferencial da denúncia da opressão das mulheres, excede-se naquilo que representa. Funciona como metáfora de todas as formas de opressão. (PINTASSILGO, 2010, p. 17)

Novas Cartas Portuguesas não é apenas uma releitura da obra *Cartas Portuguesas*, ao trazer o corpo erótico feminino, ao trazer à tona temas tabu como o prazer feminino, em particular. No texto abaixo, a referência à masturbação explicita um tema e um corpo proibido pela Igreja Católica, passíveis de condenação:

Compraz-se Mariana com seu corpo. O hábito despido, na cadeira, resvala para o chão onde as meias à pressa tiradas, parecem mais grossas e mais brancas. As pernas, brandas e macias, de início estiradas sobre a cama, soerguem-se levemente, entreabertas, hesitantes; mas já os joelhos se levantam e os calcanhares se vincam nos lençóis; já os rins se arqueiam no gemido que aos poucos se tornará contínuo, entrecortado, retomado logo pelo silêncio da cela, bebido pela boca que o espera.

Quebra-se, pois, a clausura: pelos seios ele a tem segura a rasgar-lhe os mamilos com os dentes. Quebra-se, pois, a clausura? Compraz-se Mariana com o seu corpo, ensinada de si, esquecida dos motivos e lamentos que a levam a cartas e a inventam. – “Descobri que lhe queria menos do que à minha paixão (...)”: – Ei-la que se afunda em seu exercício. Exercício do corpo-paixão, exercício da paixão na sua causa. [...]

Mariana deixa que os dedos retornem da vagina e procurem mais alto o fim do espasmo que lhe trepa de manso pelo corpo. A boca que a suga, a galga, é como um poço no qual se afoga consentida, ela mesmo a empurrar-se enlouquecida, veloz. [...]

E a noite devora, vigilante, o quarto onde Mariana está estendida. O suor acamado, colado à pele lisa, os dedos esquecidos no clitóris, entorpecido, dormente. A paz voltou-lhe ao corpo distendido, todavia, como sempre, pronto a reacender-se, caso queira, com o corpo, Mariana se comprazer ainda. 21/3/71 (BARRENO, HORTA, COSTA, 1974, p. 48-50)

O desejo e o sexo eram permitidos aos homens, e às mulheres apenas o dever da procriação. Na época a masturbação era um pecado gravíssimo, às mulheres foram negados o desejo, o conhecer o próprio corpo, o saber sobre a sua sexualidade, sendo assim a mulher era condenada ao silenciamento dos desejos e do corpo.

O livro *Novas Cartas Portuguesas* é composto por vários fragmentos, o que expressa a própria ideia da mulher portuguesa. A proposta da obra é explicitar os paradoxos possíveis de uma relação entre homens e mulheres, transmitindo a mensagem de que “mulher sabe falar e precisa ter voz”, buscando pela liberdade de expressão das mulheres e direito à igualdade.

2.1 *Cartas Portuguesas*, de Mariana Alcoforado

As *Cartas Portuguesas* consistem em cinco curtas cartas de amor. Publicadas em sua tradução francesa em 1669, são supostamente as cartas de amor de uma freira portuguesa a um oficial francês. Nelas transparece um amor incondicional e exacerbado da jovem Mariana, que diz sofrer demasiadamente com a distância do amado. Aos poucos as cartas vão perdendo o tom de esperança numa reunião, que já era mínima, e vão se tornando pedidos incessantes de notícias e correspondência equivalente.

A solidão de Mariana, seu sentimento de viver em uma situação que a reprime e sua vontade de reter o amado ao seu lado são constantes. Ao que parece o oficial, chamado De Chamilly, não correspondia igualmente: Mariana pede respostas maiores, mais afetuosas. Este amor total de Mariana Alcoforado é impregnado de todos os sentimentos que a transformariam numa autora romântica, mas sua pequena obra encontra-se entre autores barrocos meramente por esse ser o estilo da época em que vivia.

O Barroco é um movimento artístico e literário que predominou do século XVI até metade do século XVIII, época em que as *Cartas Portuguesas*, de Mariana Alcoforado foram escritas. A religiosidade era um traço marcante deste período. O movimento Barroco representou para Portugal uma grande complexidade, pois era o momento em que o país estava sob dominação espanhola e então os portugueses tiveram que se adequar a uma nova visão de mundo.

No século XVII, as famílias costumavam ser mais tradicionais, e havia regras de comportamento para as mulheres, ou seja, o padrão patriarcal é que imperava, enquanto as damas da sociedade tinham um papel secundário, obedecendo às normas que lhes eram impostas. Mesmo sem ter nenhuma inclinação religiosa, meninas eram destinadas a uma vida

enclausurada, partilhando da sorte de muitas raparigas da sua época, que eram encerradas em conventos por decisão paternal.

Tanto que Mariana Alcoforado nascida em Beja em 1640, e com onze anos, é obrigada a entrar para um convento, a fim de ficar a salvo do brutal conflito provocado pela guerra com Espanha e para honrar o testamento materno que a nomeava freira do Convento da Conceição. Mariana submete-se à clausura, mas anseia pelo dia em que poderá regressar ao seio da família e à liberdade da vida real. Essas informações encontram-se na apresentação da própria obra (ALCOFORADO, 1962, p.4) e no site:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Mariana_Alcoforado, visitado em 23/03/2021.

2.2 *Novas Cartas Portuguesas*, de Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa

Precisamente no ano de 1971, foi escrita uma obra que dialoga com a anterior: *Novas Cartas Portuguesas* por Maria Teresa Horta, Maria Velho da Costa e Maria Isabel Barreno. Publicada em 1972, a obra veio para revolucionar a época, foi um livro banido de Portugal, por se tratar de um grande texto feminista português do século XX, onde as autoras, conhecidas como “As três Marias”, abordam a condição de opressão vivida pela mulher portuguesa sob diversos aspectos: familiar, educacional, trabalhista, assim como no relacionamento amoroso e sexual. A obra sugere que a mudança em relação à condição feminina seria capaz de revolucionar a sociedade como um todo.

Portanto a libertação feminina significava a libertação da sociedade. O impacto da obra foi muito grande, tanto que foi recolhida pela censura três dias após sua publicação, sob alegação de que atentava contra a moral, as autoras responderam a um processo e foram absolvidas no julgamento.

A obra escrita a “três mãos” foge da tradição literária, não se classifica como um romance, nem é considerado apenas um manifesto feminino, como as próprias autoras falaram na época do lançamento, o livro é uma coisa “inclassificável”, uma obra que reúne cartas, ensaios, poemas e fragmentos saltando entre um e outro, sem seguir uma ordem cronológica.

A obra se apresenta com uma carta escrita em 1 de março de 1971 e termina com um fragmento escrito em 25 de outubro de 1971. Nem todo o livro é datado, algumas cartas são numeradas o que acaba oferecendo ao leitor uma breve fonte de ordem narrativa; na obra em

geral, as “três Marias” optam por uma forma radicalmente fragmentada, transmitindo a sensação de diálogo entre elas.

Primeira Carta V

Que negamos?

Que rimos ou rimamos nós de Mariana?

Que negamos?

Que tiramos nós de Mariana? Seu cuidado?

Eu meu cuidado? Vocês vosso cuidado?

Nossa chama?

Se dela tomei partido é porque a invento,

não porque a disfarço. É porque a defendo?

Me defendo? Me evito, amo, a suicido, a mato, a masturbo.

(BARRENO, HORTA, COSTA, 1974, p. 99)

Na época que a obra *Novas Cartas Portuguesas* foi escrita, o clima de medo impregnava a sociedade portuguesa, e, para a ditadura, nada poderia influenciar a população negativamente nos aspectos políticos e sociais. O governo caetanista ignorava as lutas sociais a favor dos direitos civis e femininos que eclodiram na Europa e nos Estados Unidos a partir da década de 60.

As manifestações eram marcadas por muita violência, a Polícia Política Portuguesa - PIDE tratava todos os manifestantes com agressões, perseguições e muitas vezes a morte. A escrita das “três Marias” foi vista como uma afronta ao regime político, à moral e aos bons costumes. Para melhor entender tal situação, podemos ver abaixo em um relato vivido por uma das “três Marias”.

Maria Teresa Horta lembra-se bem daquela noite terrível. A escritora portuguesa acabara de sair de casa. Um carro acendeu as luzes. Ela começou a andar, à procura de um táxi, mas deteve-se. "Vejo que o carro avança, tenta atropelar-me, eu fujo para dentro do passeio, ele pára mais adiante." Dois homens saíram do carro. "Correram para mim, deitaram-me ao chão. E começaram a bater com a minha cabeça no chão e a dizer uma frase espantosa que era 'isto é para tu aprenderes a não escreveres como escreves'." Fonte: (<https://www.dw.com/pt-002/as-mulheres-da-revolucao-dos-cravos/a-17510615>).

Finalizando temos um trecho onde uma das “três marias” deixa evidente as angústias das mulheres na sociedade portuguesa: “Que desgraça o se nascer mulher! Frágeis, inaptas por obrigação, por casta, obedientes por lei a seus donos, senhores sôfregos até de nossos males...” (BARRENO; HORTA; COSTA, 1974, p. 27).

3 ANÁLISE DAS OBRAS: Intertextualidade e temática feminista - elos de encontro entre os textos

3.1 Intertextualidade: um recurso estrutural em *Novas Cartas Portuguesas*

Em *Cartas Portuguesas* de Mariana Alcoforado, é explícito o sofrimento de uma jovem freira apaixonada, diria que talvez até iludida com um amor impossível, que a mesma descreve em suas cinco cartas ao longo da obra, composta de cartas de amor, que Mariana Alcoforado escrevia para seu amado oficial Chamilly. A solidão exacerbada da freira em suas cartas deixa claro que não obtinha resposta das cartas enviadas. Nelas existe demonstração de dor, sofrimento, angústia e tristeza por parte de Mariana, deixando claro o sofrimento de uma pessoa completamente apaixonada e solitária.

Influenciadas por *Cartas Portuguesas*, três amigas escreveram, através de poemas e fragmentos de cartas, uma obra onde desde o título fica subentendido o envolvimento com a obra anterior. *Novas Cartas Portuguesas* é uma obra que conversa com *Cartas Portuguesas*, porém traz uma visão atualizada de mulheres da época vivida em Portugal, no século XX, falando abertamente sobre sexualidade, sem nenhum pudor, uma obra que através de palavras demonstra problemas sociais e políticos, deixando nítidas as dificuldades enfrentadas por várias mulheres. A obra escrita por “três mãos” causou inquietação na imprensa, por seu linguajar claro e sem nenhuma vergonha, por explicitar problemas sociais pouco comentados em público. As “três Marias” como eram chamadas as autoras, apresentam suas vozes por mulheres que não tinham o direito de se manifestar diante da sociedade, lutando para que essas tivessem direitos e deixassem de ser tratadas apenas como objeto.

A intertextualidade está presente quando há uma referência explícita ou implícita de um texto em outro; evidentemente existe intertextualidade entre as obras, as autoras de *Novas Cartas Portuguesas* dialogam com as cartas de Mariana Alcoforado, cartas essas confessionais, íntimas, que expressam a clausura de uma mulher. Em *Novas Cartas Portuguesas* as “três marias” trouxeram a público os ideais revolucionários da mulher portuguesa em contraposição ao modelo moral da sociedade patriarcal, deu-se a criação de

Novas Cartas Portuguesas partindo de *Cartas Portuguesas*, mostrando diretamente o “conhecimento de mundo”, experiências de outras mulheres que é compartilhado nesta obra pelas “três marias” através de poemas, bilhetes e fragmentos.

A intertextualidade é um diálogo que pode ocorrer em diversas áreas do conhecimento, não se restringindo exclusivamente a textos literários; no trecho abaixo podemos entender melhor essa colocação:

Se se estender a ideia de série extra-literária aos sistemas simbólicos não verbais, chega-se à noção de intertextualidade, tal como a define Julia Kristeva, a quem se deve a invenção do termo (intertextualidade). Se, com efeito, para Julia Kristeva “qualquer texto se constrói como um mosaico de citações e é absorção e transformação dum outro texto”, a noção de texto é seriamente alargada pela autora. É sinônimo de “sistema de signos”, quer se trate de obras literárias, de linguagens orais, de sistemas simbólicos sociais e inconscientes. Julia Kristeva reivindica esse alargamento e o opõe antecipadamente a qualquer interpretação redutora:

O termo “intertextualidade” designa essa transposição de um (ou vários) sistema (s) de signos noutra, mas como este termo foi frequentemente tomado na acepção banal de “crítica das fontes” dum texto, nós preferimos-lhe um outro: transposição, que tem a vantagem de precisar que a passagem dum a outro sistema significativo exige uma nova articulação da posicionalidade enunciativa e denotativa. (apud KRISTEVA, Julia. *La Révolution du langage poétique*, Seuil, 1974, p. 60”.

A intertextualidade está presente na obra, pois as “Marias” têm como ponto de partida o livro epistolar *Cartas Portuguesas*. Na obra *Novas Cartas Portuguesas*, as “Três Marias” não apenas resgatam a história de Mariana Alcoforado nas *Cartas Portuguesas*, mas se apropriam dos ideais feministas para mostrar como os milhares de “Marianas” que viviam na sociedade portuguesa estavam aprisionadas, sob a renúncia e a negação de si mesmas, coagidas pelos modelos cristãos, patriarcais e sexistas. Sendo assim, as *Novas Cartas Portuguesas* propõem, com sua escrita ousada, a desmistificação da imagem da mulher ideal, obediente e submissa, ao permitir o empoderamento e a libertação das mulheres, mesmo em uma sociedade sob fortes influências da ditadura salazarista.

Na obra, novas histórias vão concedendo o protagonismo a outras “Marianas, Marias, Anas, Ana Maria, de Maria-Ana, ou ainda a outros nomes diferentes, mas todas de mulheres Marianas em seus destinos”, conforme diz Telma A. Mafra, 2007, p. 8-9), ao utilizar a linguagem metafórica e ir além da estética literária para atuar na recepção do leitor, o que permitiu fazer do livro um instrumento de crítica política e social. Ou seja, através da literatura, nas décadas finais do século XX, a mulher portuguesa passou a questionar sua vivência no mundo ao redescobrir seu próprio “eu”. Desse modo, passou a perceber como a

sociedade estava fortemente dominada pelos homens, presa ao regime machista, sexista e misógino.

A obra também é sobre direitos humanos, uma denúncia contra todas as formas de opressão, sendo necessário modificar essa normatização socialmente imposta.

4 REFLEXÕES SOBRE QUESTÕES RELACIONADAS À PERSPECTIVA FEMINISTA NAS OBRAS

Mariana entrou no Convento em 1651; após cinco anos tornou-se a escritã oficial do mesmo, realizando a escrita das “Quarenta Horas”, onde eram anotados os fatos mais importantes da vida no convento, tornando-se a freira do véu preto. Mariana se apaixonou perdidamente pelo conde e expressa esse amor através de cartas confessionais, em que demonstra todo seu sentimento e melancolia, onde faz também desabafos, pois sofre de uma angústia que só consegue extravasar através das Cartas, a maneira que encontrou para poder manter essa paixão acesa, nem que seja por pouco tempo, e conseguir que seu amado estivesse presente de alguma forma, mesmo que simbolicamente.

Neste trecho de uma de suas cartas demonstra que realmente as declarações são bem exageradas, ela chega a oferecer sua vida por este amor, sofre porque seu amado foi para a França e sequer lembra-se dela.

E contudo – parece-me que até aos infortúnios de que és o causador, eu tenho apego! Ofertei-te a minha vida desde a primeira hora em que te vi e é ainda um prazer para mim fazer- te o sacrifício dela. Mil vezes ao dia te envio os meus suspiros que por toda a parte te buscam e só me trazem como paga de tanto tormento um aviso demasiado prudente da minha má fortuna, que tem a crueldade de nem sequer me permitir esse gozo, e que me diz a todo o instante: Deixa, desditosa Mariana, deixa de te consumir em vão e de procurares o teu amado que nunca mais verás; que passou os mares para fugir de ti e que está em França, rodeado de prazeres, que não pensa um só momento nas tuas dores, que te dispensa de todos estes transportes que nem é capaz de avaliar. (ALCOFORADO, 1962, p. 19).

Na obra *Cartas Portuguesas* percebemos que Mariana escreve com a pretensão de expressar a solidão que sente, percebe-se que ela precisa preencher de alguma maneira o espaço que o Conde ocupou em seu coração.

Em *Novas Cartas Portuguesas* logo na “Primeira carta I” as “três Marias” apresentam a ideia de vingança, juntamente com a menção a datas revolucionárias, apontam para uma revolução de mulheres que devem se unir para buscar direitos antes negados, visto que um dos caminhos da opressão feminina é tentar manter as mulheres separadas,

incentivando a inimizade entre elas pelo viés da competição e do ciúme. A ideia de vingança, juntamente com a menção a datas revolucionárias aponta, para uma revolução dessas mulheres.

Percebemos neste trecho da ‘Primeira Carta’: “Só de nostalgias faremos uma irmandade e um convento, Sórora Mariana das cinco cartas. Só de vinganças, faremos um Outubro, um Maio, e novo mês para cobrir o calendário. E de nós, o que faremos ? (BARRENO, HORTA, COSTA, 1974, p. 9).

As autoras mantêm um diálogo com as cartas atribuídas à freira Mariana Alcoforado, onde também se enxerga uma mulher ousada para o século XVII e que, mesmo limitada a um convento, infringiu normas e regras da instituição em favor de uma liberdade tão desejada por ela. Percebe-se na segunda carta IV que as ‘três Marias’ tem a preocupação de apontar nos textos as modificações na vida das mulheres atuais:

E ingrata será a mulher que se nega a querer a quem queira, determinada que está nascença, a ter sua vida á espera sem pelo menos conquistar direitos de vontade e raivas bem seguras, argumentadas logo com armas; de ingratas, pois, seremos acusadas; estranhas, percebendo, logo desencadeando bravas guerras por literárias tidas (...) Se tome Mariana que em clausura se escrevia, adquirindo assim a sua medida liberdade e realização através da escrita; mulher que escreve ostentando-se de fêmea enquanto freira, desautorizando a lei, a ordem, os usos, o hábito que vestia. (BARRENO, HORTA, COSTA, 1974, p. 91).

4.1 Atualizações sobre o feminismo de ontem e de hoje

Se recorremos ao passado português, constatamos alguns episódios de muita importância na evolução dos direitos das mulheres, em conformidade com o site consultado <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos> visitado em 10/03/2021.

Adelaide Cabete é uma das dirigentes mais impulsionadoras e prestigiadas da corrente feminista e das suas várias expressões. Depois de um efêmero Grupo Português de Estudos Feministas, liderado por Ana de Castro Osório, que se propunha essencialmente divulgar os ideais feministas e explicar o seu significado, deve ser dado relevo à Liga Republicana das Mulheres Portuguesas, a primeira organização que se propôs defender o estatuto das mulheres, dentro dos ideais republicanos e em profunda ligação com o Partido Republicano e toda a movimentação política em curso.

Criada em 1909, os objetivos da Liga, que os estatutos consignavam, eram, entre outros, os de «orientar, educar e instruir, nos princípios democráticos, a mulher portuguesa [...] tornando-a um indivíduo autónomo e consciente; fazer propaganda cívica, inspirando-se

no ideal republicano e democrático; promover a revisão das leis na parte que interessa especialmente a mulheres e as crianças. Assim comenta Ana de Castro Osório no periódico *A Mulher Portuguesa*, em 1905:

As mulheres conservam-se entre nós numa indiferença quase total pelas conquistas que dia a dia vão marcando um passo de avanço para o triunfo definitivo do espírito sobre a matéria, da inteligência sobre a força, da educação sobre a ignorância, embora doiradas pela fortuna ou pelos privilégios de classe. Mas esperemos serenamente, porque à mulher portuguesa há de chegar também a sua vez de compreender que só no trabalho pode encontrar a sua carta de alforria. Não no trabalho esmagador, exercido como castigo, mas no trabalho que enobrece o espírito, que dá o bello orgulho dos que só contam consigo e nunca foram um peso para ninguém. (OSÓRIO, 1905, p. 20).

De acordo com o artigo de Maria Regina Tavares da Silva disponível no site <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos>, verificamos também uma síntese de algumas passagens de um artigo de Ana de Castro Osório, publicado no periódico *A Mulher Portuguesa*, n.º 3, de Agosto de 1912, e posteriormente reproduzido no periódico *A Madrugada*, n.º 15, de Outubro de 1912, intitulado “Deveres feministas”, o qual toca os aspectos essenciais defendidos pela corrente feminista em Portugal:

Ser feminista é ser uma mulher que conquista o direito a viver pelo seu trabalho, pela sua inteligência e pela sua consciência.

É feminista a mulher que dirige a sua casa com bom critério, sabe educar os filhos, e compreendendo a sua situação dentro da família, se instituiu um auxiliar precioso no lar.

É feminista a mulher que compreende quanto é doce o dinheiro ganho com o próprio trabalho.

[...]

É feminista a mulher que olha e recusa com altivez o prazer aparente duma vida escravizada ao luxo e ao capricho masculino, quer a transação se negocie hipocritamente à sombra protectora dos códigos e das religiões, quer se realize nos mercados abertos dos prostíbulos.

Ser feminista é apenas ser justo e ser lógico.

(<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos>)

Através de dados fornecidos pelo site [https://www.infopedia.pt/\\$historia-dos-direitos-da-mulher](https://www.infopedia.pt/$historia-dos-direitos-da-mulher), podemos ter acesso a informações importante:

Em Portugal, no ano de 1910 perante a lei, as mulheres deixaram de dever obediência ao marido, elas puderam votar a partir de 1931, porém era necessário que tivessem um curso secundário ou superior.

Apenas em 1968 conseguiram direitos políticos iguais aos homens, e apenas no ano seguinte, um salário equivalente. A luta por direitos iguais continuou: em 1990 passou a ser proibida a publicidade com discriminação sexual, nove anos mais tarde, foi criado o Ministério da Igualdade.

De acordo com Silvana Vilodre Goellner e Angelita Alice Jaeger e sua publicação no site <http://www.scielo.br/scielo>, no início do século XX surgiu em Portugal Adelaide Cabete,

médica e publicista, como a pioneira do sufragismo, entre outras atividades, foi a criadora da “Liga da Bondade”, coordenou a “Cruzada Nacional das Mulheres Portuguesas” e em 1924 organizou o I Congresso Feminista de Educação.

Quanto ao feminismo em termos globais, surge nos Estados Unidos em 1960 o movimento feminista contemporâneo, o qual se alastrou por diversos países entre 1968 e 1977, com intuito de reivindicar direitos e lutar pela "libertação" da mulher e tratamento igualitário aos homens. O movimento feminista busca novos valores que possam auxiliar ou promover a transformação das relações sociais da mulher, libertá-la de uma opressão que persiste, apesar da conquista dos direitos de igualdade. A opressão vem de séculos e traz raízes profundas que atingem todas as mulheres, independente da cultura ou classe social; o surgimento deste movimento acabou representando um divisor de águas, cuja reivindicação central é lutar pela igualdade, uma luta pela “libertação” da mulher em todas as áreas, seja política, econômica ou jurídica.

Com o movimento feminista se obtiveram muitas vitórias, tanto nos países mais desenvolvidos, quanto nos países em desenvolvimento, o divórcio e o aborto foram algumas das conquistas do movimento durante a década de 1970; este fato positivo foi reflexo de mudanças sociais e políticas, graças às gerações de mulheres que se prontificaram a lutar pelo direito de todas as outras.

O feminismo era muito mais do que um simples movimento das mulheres e seus simpatizantes, mostrava a atitude feminina, o fim de falsos ideais e a ilusão da felicidade. Para as feministas, as mulheres deveriam deixar de lado tudo aquilo que era determinado pela sociedade machista e seguir seus desejos mais autênticos, sem preconceitos.

Com o passar dos anos, as lutas feministas ganharam diferentes rumos, envolvendo mais que os direitos das mulheres; muitos grupos feministas buscam reivindicar causas específicas, além de denúncia através da escrita ou protestos, meios audiovisuais, música, etc., é bastante comum manifestos entre os grupos feministas em redes sociais.

Sem dúvida o feminismo é um movimento social que veio transformar e desafiar o patriarcalismo, e romper com o poder do homem sobre a mulher durante milênios. É um movimento que tem como compromisso por um fim à dominação masculina sobre o sexo feminino, e redefinir o papel da mulher na sociedade, mostrando a igualdade entre os sexos.

Atualmente os manifestos contam com a mídia, à qual na maioria das vezes se posiciona a favor de tais ações, com isso se ganha mais visibilidade.

As redes sociais têm o poder de conscientizar e colaborar na luta por causas sociais com mais rapidez e maior abrangência, abrindo caminhos para a reivindicação dos direitos,

em nível político e social. Muitos movimentos, comunidades e grupos tem usado as redes sociais para incentivar protestos ocorridos recentemente no mundo todo, pois a internet acaba sendo um ponto decisivo, e tem um grande potencial para gerar passeatas e movimentos com agilidade. A rede social também se tornou “terra de ninguém”, onde tornou-se um ambiente de muitas opiniões e discussões. Muitas vezes pela falta de organização as informações acabam sendo incompletas, distorcidas, mal interpretadas e até manipuladas, causando alguns transtornos às pessoas envolvidas.

Podemos ir muito além, quando, utilizando as redes sociais, pessoas do mundo todo criam movimentos e acabam aderindo à causa, temos inúmeros de exemplos todos os dias que atestam o poder das mídias e redes sociais e mostram sua influência nas ações tomadas através delas, na maioria das vezes positivamente. As pessoas envolvidas nas redes sociais conectadas podem compartilhar abaixo-assinados, vídeos, fotos entre outros materiais. Um bom exemplo neste sentido é a página do *facebook*. Como exemplos, citamos “*Por todas nós movimentos – feministas*”, que promove campanhas de mobilizações fortemente coletivas, e utiliza as redes sociais para difundir as suas demandas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As rosas da resistência nascem no asfalto. A gente recebe rosas, mas vamos estar com o punho cerrado falando de nossa existência contra os mandos e desmandos que afetam nossas vidas. (*Marielle Franco*).

Nesta pesquisa, no primeiro capítulo foi apresentada a contextualização histórico-social das obras estudadas, onde destacamos a censura, repressão, o poder autoritarista do governo salazarista e a busca pela liberdade de expressão e igualdade de direitos das mulheres. No segundo capítulo realizou-se a análise das obras, enfocando o recurso da intertextualidade e a temática feminista. Percebemos que em ambas as obras existe uma denúncia contra todas as formas de opressão. No terceiro e último capítulo trazemos as considerações finais deste Trabalho de Conclusão de Curso.

As *Cartas Portuguesas* é uma obra que consiste em cinco curtas cartas de amor. Publicadas em sua tradução francesa em 1669, são supostamente as cartas de amor de uma freira portuguesa a um oficial francês, cartas que mostram um amor incondicional da jovem Mariana, que diz sofrer demasiadamente com a distância do amado.

O livro *Novas Cartas Portuguesas* é composto por vários fragmentos, o que expressa a própria ideia da mulher portuguesa em suas diversas facetas. A proposta da obra é explicitar os paradoxos possíveis de uma relação entre homens e mulheres.

A intertextualidade está presente na obra, pois as “Marias” têm como ponto de partida o livro epistolar *Cartas Portuguesas*. Na obra *Novas Cartas Portuguesas*, as “Três Marias” não apenas resgatam a história de Mariana Alcoforado nas *Cartas Portuguesas*, mas se apropriam dos ideais feministas do final do século XX para mostrar como as milhares de “Marianas” que viviam na sociedade portuguesa estavam aprisionadas, e ainda continuam, em certos aspectos, passados 4 séculos.

Considera-se que houve uma evolução, pois atualmente a sociedade já não é tão machista, permitindo à mulher ter praticamente os mesmos direitos que o homem. Mas ainda existe discriminação e uma certa resistência quando se trata, por exemplo, de uma mulher ocupar o cargo de chefia, ser remunerada com o mesmo valor ou valor mais alto que o sexo oposto. O que torna a obra *Novas Cartas Portuguesas* totalmente atual, levando em consideração o fato de que a mulher não possui total liberdade de expressão sem ser julgada

ou criticada, pois ainda existe uma divisão não-igualitária referente a papéis de homens e papéis de mulheres.

Percebe-se que houve muitas mudanças, mas as desigualdades seguem sendo significativas quanto aos direitos das mulheres, ainda acontece uma luta diária pela igualdade social de direitos. A obra literária expõe conflitos políticos, sociais e históricos da coletividade, também se discute a respeito dos movimentos feministas, da resignificação feminina e do modo como as mulheres passaram a ganhar voz e a lutar contra as imposições machistas estabelecidas pela sociedade, o que se repete diariamente. O obstáculo à igualdade entre mulheres e homens era e é a discriminação e os preconceitos baseados no sexo. Portanto foi de suma importância a luta exercida pelas “três Marias”, ato o qual possibilitou algumas conquistas às mulheres portuguesas em especial.

Porém a luta por oportunidade e igualdade entre os gêneros ainda continua, mulheres não tem total liberdade para algumas coisas que são classificadas como “coisas de homens”, sempre é necessário mostrar que valem tanto quanto os homens, e espera-se um dia alcançar total igualdade entre os sexos.

Os direitos adquiridos pelos movimentos feministas têm mudado bastante o olhar da sociedade, mas ainda se precisa de muitas mudanças no que se refere à liberdade da mulher, é necessário continuar lutando para que realmente aconteça a igualdade entre homens e mulheres, sem prejuízos ou privilégios, apenas direitos fundamentais. A mulher precisa se sentir segura e acolhida pela sociedade, todas as mulheres precisam ser respeitadas e ter seu devido valor reconhecido.

REFERÊNCIAS

Referências bibliográficas:

ALCOFORADO, Mariana. *Cartas Portuguesas*. Trad. Maria da Graça Freire. Rio de Janeiro: Livraria AGIR Editora, 1962.

AMÂNCIO, Lúcia; TAVARES, Manuela; JOAQUIM, Teresa; ALMEIDA, Teresa S. de (Orgs.). *O longo caminho das mulheres: feminismos 80 anos depois*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2007.

BARRENO, Maria Isabel; HORTA, Maria Teresa; COSTA, Maria Velho. *Novas Cartas Portuguesas*. São Paulo. Editorial Futura Lisboa, Edição integral, 1974.

MAFRA, Telma Aparecida; *Marias e Marianas: relatos de coragem*. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 2008. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8150/tde-07072008-094640>.

MENDES, Algemira de Macêdo, AIRES, Diógenes de Carvalho Bueno. *Literatura e Gênero: relações de poder e representações literárias*. Teresina, PI: Editora EdUFPI, 2014.

MOISES, Massaud; *A Literatura Portuguesa*. São Paulo. Editora: Cultrix. 1971.

PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da História*. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

PINTASSILGO, Maria de Lourdes. Prefácio. In: BARRENO, Maria Isabel; HORTA, Maria Teresa; COSTA, Maria Velho. *Novas Cartas Portuguesas*. Lisboa: Dom Quixote: 2010, p. 17-21.

OSÓRIO, Castro Ana. Às Mulheres Portuguêsas. Texto Fac- Similado de um exemplar da edição de 1905, precedido de cronologia. Lisboa. Editora Ecopy. Abril 2009. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=PK6go6VlmpwC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false

SCHMIDT, Rita Terezinha. *Mulheres e literatura: (Trans) Formando Identidades*. Porto Alegre, RS: Editora Palloti, 1997.

Referências virtuais:

<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223465449P2eYY6he7Ah47BN7.pdf> visitado em 10/03/2021.

https://books.google.com.br/books?id=PK6go6VlmpwC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false visitado em 20/03/2021.

<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/sociologia/feminismo-movimento-surgiu-na-revolucao-francesa.htm> visitado em 28/02/2020.

[https://www.infopedia.pt/\\$historia-dos-direitos-da-mulher](https://www.infopedia.pt/$historia-dos-direitos-da-mulher) visitado em 10/03/2021.

<https://www.dw.com/pt-002/as-mulheres-da-revolucao-dos-cravos/a-17510615> visitado em 28/02/2020.

<http://www.scielo.br/scielo> visitado em 28/02/2020.

<https://feminista.pt> visitado em 14/03/2021.

<https://www.mensagenscomamor.com/frases-de-saramago> visitado em 23/03/2021.

https://pt.wikipedia.org/wiki/Mariana_Alcoforado visitado em 23/03/2021.